

NARCISO NA CAVERNA: O EFEITO DA AUSÊNCIA DO OUTRO

Cláudia Mendes Feres
Tania Cristina Rivera

RESUMO

O narcisismo é, costumeiramente, tomado como um estado singular de investimento no eu. Nesse estado, o eu investe a libido em si mesmo, privilegiando a imagem do corpo próprio e excluindo o outro. Ao revisitarmos, contudo, o clássico de Ovídio, *Metamorfoses*, é possível ressaltarmos, no mito de Narciso, a sensação de estranheza (*Unheimliche*), na qual o eu, feito duplo, leva a uma revisão da questão da relação eu/outro. Como uma sombra, uma anti-imagem que duplica a imagem especular, a ausência do outro cuidador perfila-se como essencial no narcisismo, indicando sua face mortífera no radicalismo de sua vertente melancólica.

Palavras-chave: Narcisismo; Eu; Melancolia.

ABSTRACT

NARCISSUS IN THE CAVE: THE EFFECT OF THE OTHER'S ABSENCE

Narcissism is usually seen as a singular state of investment in the self. In this state, the self invests libido in itself; the body image takes a special value and the other is excluded. By reviewing the myth in Ovidio's classic Metamorphosis, we can highlight the uncanny sensation (Freud's Unheimliche)

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB) e Professora do Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

in which the self, doubled, leads to new elaborations about the relationship between the I and the other. As a shadow, an anti-image that doubles the specular image, the absence of the primary caretaker appears as essential in narcissism, showing its deadly face in a melancholic way.

Keywords: Narcissism; Self; Melancholia.

NARCISO NA CAVERNA: O EFEITO DA AUSÊNCIA DO OUTRO

UM REFLEXO SEM CORPO

No relato do mito de Narciso presente nas *Metamorfoses* de Ovídio ([8 d.C.] 2003), Liriope, depois de ter sido arrebatada pelo deus Céfiso, dá a luz a Narciso, “*a mais linda das crianças*” (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 61). Preocupada com a longevidade do belo filho, a Náiade do rio é uma das primeiras a testar o poder de Tirésias. O adivinho lhe diz que a relação entre Narciso e sua imagem seria de “*uma estranha fascinação*” (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 61), assim, o pequeno teria vida longa se nunca se descobrisse. Essas palavras, com as quais a mãe de Narciso foi prevenida, soaram, durante muito tempo, como tolas. Até que “*as respostas irretocáveis*” (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 61) do cego fizeram-se compreender: o encantamento de Narciso por sua imagem viria a tornar-se estranho por atrelar o descobrimento de si à morte.

A estranheza frente a si mesmo nos permite pensar, com Freud ([1919] 1980), no espectro de algo familiar. Freud aponta uma cisão onde algo é, ao mesmo tempo, familiar/*heimlich* (pois lhe pertence), e estranho/*unheimlich* (pois submetido ao recalque). O *unheimliche* [estranho], diz Freud, é o que uma vez foi *heimlich*, familiar; “*o prefixo 'un' é o sinal da repressão*” (FREUD, [1919] 1980: 305).

O desdobramento implicado na sensação de estranheza relaciona-se ao desvelamento do outro. Como desenvolvido por Versiani e Celes (2006), todo recalque diz respeito à alteridade “*não apenas por tornar estranhos ao sujeito determinados conteúdos*”

seus, mas por implicar necessariamente uma marca do outro incitador do recalque” (VERSIANI & CELES, 2006: 66). Há um estrangeiro que me habita. Esse se refere, na expressão dos autores, tanto ao “*outro mim mesmo*” quanto ao “*outro em mim*” (VERSIANI & CELES, 2006: 64). Trata-se, portanto, de tomar o outro em dois planos: aquele referente ao desconhecimento sobre mim mesmo, quando o eu se duplica, tal qual veremos em Narciso; e aquele que diz respeito aos restos do que, um dia, foi a própria “presença” do outro em mim.

Narciso, aos dezesseis anos, terá se tornado um rapaz de forte “*orgulho*” (VERSIANI & CELES, 2006: 62) e nenhum daqueles que estão a sua volta será capaz de lhe agradar. Nem as belas ninfas Eco e Oréades, tampouco os jovens rapazes.

Depois de tanto recusar seus pretendentes, Narciso é levado, por Nêmesis, deusa da vingança, a ver-se, descobrir-se, desvelar-se.

Uma imagem na lagoa. Apaixonou-se
 Por aquela imagem sem corpo(1), e encontrou substância
 Em algo que era apenas um *reflexo*. Olhava embevecido para a água,
 Encantado consigo mesmo, enfeitiçado, totalmente petrificado.
 (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 63; *grifos nossos*)

Realiza-se a profecia: Narciso sente-se extasiado por seu reflexo. O outro que faz efeito em Narciso, seu estranho/familiar, é um outro que não se distingue dele mesmo. O único que o encanta é seu próprio reflexo. Eis sua “*estranha fascinação*”.

A relação que se estabelece entre Narciso e “*o rapaz que ali vê*” (VERSIANI & CELES, 2006: 63) é, antes e acima de tudo, uma relação de apaixonamento. Como nota Marie Claude Lambote, “*Narciso ama uma imagem ignorando, ao mesmo tempo, sua natureza e a quem pertencia*” (LAMBOTE apud KAUFMANN, 1996: 351). Ao ver-se na lâmina d’água, Narciso não reconhece a si mesmo, propriamente, mas enamora-se deste estranho que carrega marcas do familiar.

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

Vê seus olhos, suas estrelas gêmeas, a cabeleira atraente,
 Como a de Baco ou do deus Apolo,
 Pele macia, pescoço de marfim, beleza radiante
 da sua fisionomia, e então um corado leve
 Aflora na pele alva. Tudo que o atrai
 É o que faz dele tão atraente. Tolo rapaz,
 Ele quer a si próprio, [...]
 Sem saber o que vê...
 (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 63)

Na fascinação narcísica não se trata, simplesmente, do clichê trazido pelo enunciado: “eu me amo”. Dois elementos merecem ser aí destacados: o lugar intermediário ocupado pela imagem e a ignorância quanto à origem dessa imagem. A imagem é intermediária, pois coloca-se entre mim e mim mesmo. e ela sustenta uma ignorância fundamental, pois ofusca o eu, ao tomá-lo por outro. O mito arquiteta de maneira precisa tais elementos, transformando o reflexo, como veremos, em uma *sombra* do eu.

“*Eis a ironia que vai envolver a tragédia de Narciso: essa ‘ilusão sem corpo’*”, diz Paul-Laurent Assoun (1995), referindo-se ao trecho de Ovídio que acabamos de citar, “*é seu próprio corpo, que ele toma pelo de um outro*” (ASSOUN, 1995: 186). “*Eu é um outro*”, no célebre adágio de Rimbaud ([1871] 1990: 315). O narcisismo marca uma alienação que é constitutiva do eu, ou seja, quando a imagem do corpo é tomada como objeto de amor, uma sombra incide sobre o eu de modo a estranhá-lo. Mas o “reflexo sem corpo” pelo qual Narciso se apaixona não é apenas imagem ortopédica de seu corpo unificado (LACAN, [1966] 1998), pois ele traz, simultaneamente, uma sombra de si. Narciso é fisgado pela ilusão de sua imagem corporal, mas esta, mais do que fixar um *topos* bem delimitado para um eu que se crê senhor em sua própria casa, carrega a estranha mancha do que ali não se dá a ver. Estranha imagem do corpo, esta que justamente carece de corpo.

NARCISISMO: O OBJETO NO SEIO DO EU

Para embasarmos as articulações que nos interessam, teremos que apontar o sentido particular da idéia de narcisismo dentro da obra freudiana. Ela se refere à construção dessa imagem a que chamamos eu. Tal estrutura é determinada pelo vínculo erótico a essa imagem; temos aí um “estado precoce em que a criança investe toda libido em si mesma” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988: 290). O narcisismo, contudo, não se encerra aí. Ele perdura através da manutenção do investimento nessa imagem idealizada de si, ou seja, no “retorno ao eu da libido retirada de seus investimentos objetivos” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988: 290).

O narcisismo, em psicanálise, se refere, portanto, ao movimento da libido sobre si mesmo, constituindo o eu como objeto e sujeito de investimentos. Exploraremos nele a compreensão do eu enquanto presença que ilumina e, concomitantemente, como ausência, sombra de si e do outro. A constituição do eu, fundamentada na lógica eu/outro, pode ser abordada em dois níveis intrincados: um referente à relação do eu consigo mesmo, onde o eu toma-se como a um outro, tal qual o fez Narciso; e, no segundo nível, temos o eu organizando-se a partir da relação de presença/ausência de um outro que o antecede.

Em *Totem e Tabu*, Freud ([1912-1913] 1980), ao se referir ao animismo, sustenta a relação entre estado de onipotência e narcisismo. Através desse modo peculiar de atribuição de causalidade aos eventos do mundo externo, os homens primitivos conferem altíssima valoração ao determinismo de seus atos psíquicos, ou ainda “atribuem a onipotência a si mesmos” (FREUD, [1912-1913] 1980: 111). Ao equiparar esse esquema de pensamento primitivo àquele que se faz presente no neurótico e na criança, Freud indica que essa onipotência consiste na intenção de impor as leis que regem a vida psíquica às coisas do mundo. A onipotência dos pensamentos, marcada pelos processos primários e pelo princípio do prazer, é própria da satisfação infantil. Essa atitude, nos diz Freud, “pode ser perfeitamen-

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

te relacionada com o narcisismo” (FREUD, [1912-1913] 1980: 112), onde podemos afirmar que o desejo que dirige a vida psíquica é onipotente ou, mais além, “*o desejo é narcísico*” (RIVERA, 1996: 91).

Rivera (1996) nos traz a hipótese de que esse estado originário, onipotente e auto-suficiente, não se constitui sem a presença do objeto, mas se caracteriza por uma forma de satisfação anterior à perda do objeto. Teríamos aí uma aderência completa entre eu e objeto. “*O objeto já está assim no seio do narcisismo: o eu não existe sem objeto*” (RIVERA, 1996: 93). Teríamos, então, um tempo onde eu e objeto formam Um.

No texto *Pulsões e Destinos de Pulsões*, Freud ([1915] 2004) caracteriza o estado inicial da vida psíquica como aquele em que o eu, totalmente tomado pelas pulsões, é capaz de satisfazê-las em si mesmo, não dedicando qualquer interesse pelo mundo externo. Há, em uma nota acrescida a esta argumentação, uma idéia que corrobora nosso caminho:

Por certo, o estado narcísico primordial não poderia seguir aquele desenvolvimento se cada ser vivo não passasse por um período de *desamparo e cuidado*, durante o qual suas necessidades urgentes teriam sido satisfeitas por agentes externos. (FREUD, [1915] 2004: 171)

O desamparo, o fundo sobre o qual o cuidado do outro se realiza, leva ao narcisismo primordial, onde eu/outro formamos Um. Esse estado primevo possui uma tonalidade mítica, fazendo referência a uma tentativa de apagar o desamparo. Concluímos, então, que esse poderoso estado de “ensimesmamento narcísico” não só se impõe ao mundo, mas o exclui, uma vez que é uma tentativa psíquica de suturar a brecha anteriormente aberta.

Neste momento, não é o objeto que faz questão ao eu, mas o que está implicado a partir de sua perda. O “*não-reconhecimento da perda do objeto*” sustenta a onipotência infantil (RIVERA, 1996: 91). Assim sendo, o objeto não significa, em si, uma dificuldade para o estado narcísico. É a perda do objeto que perturba o eu. Quando o

eu é levado a se separar do objeto, ele perde “*seu caráter de auto-suficiência e perfeição*” próprio do tempo em que havia o Um (RIVERA, 1996: 93). É pela frustração (*Versagung*) que a realidade se interpõe ao narcisismo. Na frustração “*o que está em jogo é menos a falta de um objeto real do que a resposta a uma exigência que implica determinado modo de satisfação*” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988: 204). Dito isso, compreendemos, com Rivera (1996), que a realidade que se opõe ao narcisismo é fundamentalmente “*a realidade da não-satisfação*” (RIVERA, 1996: 93).

O “abandono” da onipotência infantil só se dá depois da perda do objeto. Salientamos, mais uma vez, que o acento se faz na impossibilidade de manutenção de certa forma de satisfação. O abalo no estado “mítico, original e primitivo” precipita o desenvolvimento do eu. O eu desdobra-se numa tentativa de não perder. Entendemos esse desdobramento tanto como duplicação do eu, como manutenção dos restos, dos traços mnêmicos da presença do outro.

Futuramente, quando as perdas vão se somando, temos a marcação de um novo significado para a impossibilidade de retomada da onipotência infantil. Com o desenvolvimento do psiquismo, a criança passa a perceber que é o outro materno que satisfaz suas necessidades. Freud ([1926] 2001) afirma que a criança “*sabe*” (FREUD, [1926] 2001: 65), por experiência, da presteza materna frente ao aumento da tensão, diante de uma situação econômica que não encontra, por si só, descarga. Para dizer com Freud, “*o conteúdo do perigo, que ela [a criança] teme, é deslocado da situação econômica para a condição que determinou esta situação, a saber, a perda do objeto*” (FREUD, [1926] 2001: 66).

A ausência da mãe, para além de representar a não-satisfação, torna a própria mãe um objeto extremamente precioso. Perder o objeto torna-se um perigo para o eu. Agora, é o objeto quem faz questão ao eu. É na temporalidade psíquica do “*a posteriori*” (*Nachträglichkeit*) que a perda do objeto/mãe ressignifica as primeiras inscrições.

O desenvolvimento do eu está atrelado ao desenvolvimento do princípio de realidade, o que não implica a destituição do princípio do prazer, “*mas sim a garantia de sua continuidade*” (FREUD, [1911] 2004: 68). Cabe ao eu-realidade, fruto de uma reviravolta psíquica, “*almejar o que lhe traz benefícios e garantir-se contra danos*” (FREUD, [1911] 2004: 68). Dito de outro modo, o eu-realidade tenta não só buscar um objeto que possa abrandar a frustração, mas também impedir que os efeitos da ferida narcísica sejam mais devastadores. Ao apontar para um objeto futuro, um substituto para o objeto/mãe, o eu-realidade sustenta certa positividade do narcisismo, chamada por Green (1988) de “*cimento que mantém a unidade do eu constituída*” (GREEN, 1988: 9). Mas ele também escamoteia seu lado negativo, a saber, “*a petrificação do eu que visa a anestesia e a inércia na morte psíquica*” (GREEN, 1988: 24), ou seja, o reconhecimento de que nenhum objeto é capaz de substituir a unidade que foi perdida.

A IMAGEM SEM CORPO

Como mostra o texto clássico de Ovídio ([8 d.C.] 2003), trata-se, no mito de Narciso, de uma imagem de si fugidia, reflexo que não reenvia ao objeto refletido e, portanto, só por zombaria e provocação poderia apresentar-se como objeto.

Sente que a *imagem zomba dele e o provoca.*
 Por que tentar capturar *uma imagem fugidia,*
 Pobre jovem crédulo? O que você busca não está em lugar nenhum.
 [...]
 A visão é apenas *uma sombra,*
 Só um *reflexo*(2), sem qualquer conteúdo.
 Vem com você, fica com você, vai com você,
 Se é que você pode ir embora.
 (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 63-64; *grifos nossos*)

A imagem é aí tanto uma presença iluminada que fascina com a ilusão de um eu/outro maravilhoso, quanto uma ausência, sombreamento fatal que o faz perder-se. A visão não é mais que uma “sombra”, como acabamos de citar, não apenas no sentido de ser um reflexo enganoso que não permite que se veja o real objeto, mas porque o reflexo do corpo que permite que venhamos a reconhecê-lo como próprio é sombreado por outro objeto: pelo outro.

Você estica seus braços para mim quando eu o faço, e seu sorriso
Segue meu sorriso; vi suas lágrimas
Quando eu também chorava; você me cumprimenta com um
Movimento de cabeça e acena quando eu o faço;
Seus lábios, me parece, respondem quando eu estou falando,
Muito embora o que você diz eu não consiga ouvir.
(OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 64)

No narcisismo pulsa sombriamente o outro, inscrito como ausência, sob as luzes sedutoras da imagem do corpo. O que Narciso busca não está em lugar nenhum: nem em seu corpo, condenado a ser tomado sempre como mero reflexo, nem no outro, que só aparece como sombra encobrindo essa imagem. A própria personagem, ao fim do texto, explicita:

Reconheço minha imagem agora. Ardo de amor
Por mim mesmo; eu próprio ateei o fogo que agora me queima.
(OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 64)

O “mim mesmo” só aparece nesse momento trágico que antecede seu desaparecimento, sua morte auto-infligida. Por trás deste tempo “auto”, auto-referenciado, é a total e sedutora confusão eu/outro que vence, mortífera. Como insinua o trecho acima, Narciso não pode “ir embora”. A sombra do objeto obscurece o júbilo do reconhecimento de si e atrai o eu, justo no momento em que ele aparece como si mesmo, para sua perda, sua total desapareição. Preso no claustro por ele mesmo criado, Narciso, para não abandonar o outro, abandona-se, entregando-se à pró-

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

pria morte por inanição diante da fonte que o reflete. Eis as últimas palavras de Narciso antes da morte lhe fechar os olhos: “*Adeus, amado rapaz, em vão adorado*” (OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 65). Já sem forças, Narciso afunda então no relvado, fechando definitivamente os olhos.

O narcisismo, esse momento de júbilo do eu ao encontrar a si mesmo na imagem enganadora, encobre, portanto, uma terrível e encantadora confusão com o outro. O narcisismo ergue-se, de fato, sobre um fundo de desamparo e cuidado por parte do outro. É a impotência do recém-nascido, incapaz de produzir uma ação coordenada e eficaz para o apaziguamento de suas necessidades, que abre ao outro cuidador o papel fundamental de garantia de sua sobrevivência. A partir daí, o circuito pulsional tem no outro uma importante referência que a “*ação psíquica*” (FREUD, [1914] 2004: 99) capaz de marcar o surgimento do narcisismo, está longe de apagar. Pelo contrário, como veremos a seguir, o narcisismo representa uma importante retomada da relação com o outro. Uma vez tomado como objeto, por um lado, o eu corporifica o outro, fazendo-o totalmente “familiar” e chegando a aparentemente cumprir uma promessa de união feliz eu/outro capaz de apagar as marcas da perda do objeto. de outro lado, porém, o narcisismo sublinha a perda do objeto de satisfação como condição fundadora do desejo: isso que Narciso busca, como vimos, não está, estranhamente, em parte alguma. É apenas na ausência da mãe, no mito freudiano, que o bebê poderá desejar o seio (FREUD, [1900] 1980). Como dois lados de uma moeda, o narcisismo traz uma face luminosa e sedutora que corresponde à imagem de si e, em sua outra face, o outro aparece e domina por sua sombra, impedindo que tal imagem do eu goze de uma fixidez e uma referência firme a seu objeto. Tal imagem, fugaz, está constantemente à beira de sua própria perda, em pro do obscuro fascínio do outro perdido.

A SOMBRA DA IMAGEM

O arrebatamento de Narciso por si mesmo faz da imagem do eu, ao mesmo tempo, desvelamento e encobrimento de si. Para ampliar a compreensão da idéia de sombra, tomaremos aqui a tradução do texto de Ovídio feita por Junito de Souza Brandão (1996) em seu importante livro sobre a mitologia grega. Para tanto, retomaremos o momento em que Narciso vê seu reflexo na fonte de Téspias.

Deitou-se e tentou matar a sede
 Outra mais forte achou. Enquanto bebia,
 Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.
 Julga o corpo, o que é *sombra*, e a *sombra* adora.
 (BRANDÃO, 1996: 180; *grifos nossos*)

O corpo aparece, para, ao mesmo tempo, fazer-se sombra adorada. A sombra (em latim, *umbra*) essa possui uma função ambivalente, ou seja, qualidades comuns à luz e às trevas. “*Na verdade, não pode existir sombra sem luz*”, diz Brandão em seu comentário à tradução (BRANDÃO, 1996: 187). A sombra se constrói num delicado jogo entre a presença/ausência de luz.

A sombra no mito de Narciso pode nos levar a compreender, na companhia de André Green (1990), a concepção de dois narcisismos, um positivo e outro negativo. Articulado às pulsões de vida, temos o narcisismo que une, que liga, que enlaça: “*o papel da pulsão de vida é assegurar uma função objetalizante*” (GREEN, 1990: 75). Mantém-se, assim, a ilusão de um eu unitário, atado a si mesmo pela “pulsão de amor”, na medida em que o próprio eu se torna um objeto de investimento. Por outro lado, o narcisismo negativo, chamado de “*duplo sombrio de Eros*” (GREEN, 1988: 41), dirige-se à inexistência, ao vazio, à anestesia. Trata-se do puro desligamento. A pulsão de destruição faz-se presente por meio da não-aspiração à unidade narcísica. Esta função, inversa da anterior, é desobjetalizante. Não se trata, simplesmente, da perda do outro. Essa poderia, por si só, levar o eu a um movimento de busca de outro objeto. O narcisismo

negativo, ou de morte, refere-se à anulação do outro, seu apagamento. de acordo com a compreensão de Green (1988), na vertente negativa do narcisismo, o aniquilamento do outro não provoca qualquer agitação no eu. Esse é reduzido a apenas “sombra e pó” (BRANDÃO, 1996: 189). Eis o final fatídico de Narciso.

Há outro mito que também traz, de forma privilegiada, a relação entre luz/sombra, ao qual Brandão (1996) faz apelo: o célebre mito da Caverna, descrito por Platão ([360 a.C.] 2004) no livro VII da *República*. Os prisioneiros, posicionados de costas para a saída da Caverna, observam as sombras projetadas na parede da gruta e discutem sobre elas. As sombras são formadas pelo encontro da luz de uma fogueira, alocada no alto da colina, com objetos carregados por outros homens que passam pela saída da Caverna. Os objetos, “estatuetas de homens e animais” (PLATÃO, [360 a.C.] 2004: 225), na medida em que impedem a livre passagem da luz, conformam na parede uma profusão de sombras. “*Tais sombras, tais reflexos, constituem para Platão as imagens das idéias verdadeiras, para nós ainda invisíveis. Buscando estas sombras, estamos à procura da luz*” (BRANDÃO, 1996: 187).

Platão, no mito da Caverna, demonstra, segundo Chauí (2003), o longo caminho para se chegar ao Conhecimento Verdadeiro. Partindo do contato com o mundo sensível (imagens e cópias), passando-se pela opinião sobre essas coisas sensíveis, se processariam o raciocínio e o pensamento discursivo sobre elas. Esse caminho perfaz-se gradativamente por meio da dialética, onde os termos luz/sombra não são abarcados como meros opostos. Tais vocábulos são compreendidos dentro de uma relação de contradição, ou seja, os termos “são criados por essa relação e transformados nela e por ela” (CHAUÍ, 1980: 37).

Essa última asserção merece uma aproximação cuidadosa. Um primeiro sentido, mais direto, revela que a sombra é ausência de luz. Os prisioneiros da Caverna estão, em um primeiro momento, encerrados nas sombras, no mundo sensível e imediato. Trata-se de uma espécie de eclipse, onde o outro é pura ausência. Numa outra

concepção, agora dialética, podemos asseverar que é a própria sombra quem se encarregará de guiar os prisioneiros ao encontro da luz. O movimento que se faz da escuridão da Caverna em direção à luz só se realizará porque a sombra indica a presença de uma luz perdida. Deste modo, a mesma sombra pode ser tomada ora como obscurecimento do outro, ora como o indicativo de um reencontro. Salientamos, ainda, que esses dois sentidos não são excludentes, ou seja, a sombra tanto se abate sobre os homens, aprisionando-os, como os norteia, indicando-lhes o caminho do desejo.

de forma análoga, a construção do eu realiza-se a partir da sombra/luz do outro. Os prisioneiros da Caverna, explicita Sócrates a Glauco, *“tomam por objetos as sombras que vêem”* (PLATÃO, [360 a.C.] 2004: 226). O eu, por sua vez, se inventa a partir daquele que outrora fora luz, mas hoje é sombra. O eu apropria-se dos restos do outro para se constituir.

NARCISO NA CAVERNA

Depois de percorrer esse breve percurso em Freud, podemos afirmar que para a constituição do eu a presença e a ausência do outro são igualmente fundamentais. Lembramos que a presença de outro humano, psiquicamente já constituído, é tão cuidadora quanto invasiva. Se por um lado, ele auxilia o bebê, por outro ele é excessivo, traumático, com é declarado por Freud ([1905] 1980) desde os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, onde ele afirma que a mãe *“contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual”* (FREUD, [1905] 1980: 210; grifos nossos), ou seja, o sexual, enigmático para ela própria, é por ela transmitido ao filho com toda sua violência.

A vaga (do outro) deixada, após sua presença zelosa e avassaladora, afeta o eu. Essa afetação pode levar seja a um movimento desejante, graças ao narcisismo de vida, que permite que os investimentos sejam retirados do eu e direcionados aos objetos, seja

a uma aniquilação do eu e do outro, também denominada de narcisismo de morte.

O efeito da ausência daquele objeto que esteve incrustado no seio do eu nos permite voltar aos dois mitos tratados no início do texto. Em Ovídio ([8 d.C.] 2003), temos o seguinte verso, em parte já citado acima:

Sei
A verdade, finalmente. *Você é eu.*
(OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 64; *grifos nossos*)

Em Narciso deparamo-nos com o eu duplicado. Eu sou outro e o outro sou eu. Contudo, é digna de nota a virulência com que a sombra do outro se abate sobre o eu. Para não se perder do outro, o que implicaria em simplesmente se perder, Narciso “escolhe” petrificar-se, fazendo com que a ausência do outro sombreie a sua existência.

A desdita do filho de Liriope nos permite atrelar narcisismo e melancolia. A melancolia, nos afirma Freud ([1917] 2006) em *Luto e Melancolia*, é deflagrada por uma perda de características singulares: trata-se de uma avaria que, instalada no inconsciente, atinge algo que ocupava o lugar de “um objeto de amor”, a saber, o eu. A melancolia é desencadeada por uma perda narcísica que foge à consciência. Na falta daquele que esteve incrustado no seio do eu, “a sombra do objeto cai sobre o eu” (FREUD, [1917] 2006: 108). O eu, tornado sombra, já não vale mais nada, encontra-se quase aniquilado e pode chegar, em casos extremos, a se deixar morrer. O eu encontra-se absorto em um trabalho que chamaremos de *contra-luto*. de um lado temos o luto que se refere a uma perda que o teste de realidade insiste em reafirmar. O enlutado passa pelo “*doloroso desprazer*” (FREUD, [1917] 2006: 105) de dissolver os laços libidinais de cada lembrança ou expectativa que o ligavam ao perdido. de outro lado, no *contra-luto*, como chamamos, ocorre uma “rebelião psíquica”. Como, agora, a perda é narcísica e inconsciente, o que aparece é só a ausência. Como fazer luto de algo que não se sabe? Na melancolia, portanto, o eu é sugado, é aspirado pela poderosa pre-

sença da ausência do objeto, tal como podemos vislumbrar nos versos de Ovídio:

Narciso se dirige então à imagem na água.
e ela borbulhava com suas lágrimas, e a visão esmaeceu,
Ele a viu apagar-se, e a chamou de volta:
“Aonde você está indo?” Fique: não me abandone,
Eu o amo tanto. Não consigo tocá-lo; deixe-me
Então ficar olhando para você, e que esse olhar
Nutra minha desvairada paixão!
(OVÍDIO, [8 d.C.] 2003: 65)

Quanto mais Narciso procura, menos ele encontra. Buscando reaver a mítica completude de uma relação sem falhas com o objeto, o eu é tomado pela sombra deste e arrastado a um estado de mortificação do desejo, deixando que predominem as silenciosas forças de *Thanatos* que levarão a uma supressão de qualquer movimento desejante. Assim como em Narciso, a melancolia faz do eu um palco da pulsão de morte.

Qualquer movimento torna-se uma tolice, pois a perda do objeto se alastra por toda a existência do eu. A função objetivante, que nos move em busca de reaver a completude perdida, faz, de forma paradoxal, com que o único encontro realizado seja com a falta, ausência do outro. Esta é a sombra: a presença da ausência. Na Caverna, onde está condenado à sombra, Narciso é melancólico.

Eis aqui uma importante diferença para com a idéia de aniquilamento tratada por Green (1988). O que queremos apontar é que na melancolia, independente de como o eu se move, a ênfase é na insistência da sombra. Não se trata do apagamento do outro, mas, sim, do reencontro com a presença da ausência que não cessa de se repetir.

Na ausência do outro fundamental, do outro cuidador, restam apenas os vestígios do que fomos (eu/outro) um dia. Nos espreita, sempre, a sombra do outro. Sombra que nos cega de tal forma, que nos impede de diferenciar os resquícios do outro que estão em mim,

dos objetos que vislumbro no horizonte. Se em Ovídio ([8 d.C.] 2003) nos surpreende a negatividade do narcisismo, em Platão ([360 a.C.] 2004) reencontramos com júbilo o movimento desejante, que faz com que os prisioneiros se lancem às sombras. Mesmo que movidos por uma ilusão, no intuito de aplacar o que não sou mais, vão ao encontro das sombras, em busca dos objetos.

Poder-se-ia pensar na sombra do outro como um negativo fotográfico. Talvez ela tenha, em parte, um papel de suporte da imagem do corpo próprio, apesar de esvaziá-la de alguma maneira, tirando dela sua substância. Mas é provável que sejamos mais fiéis à sua natureza se a caracterizarmos como uma *anti-imagem*, por sua perigosa potência de pôr por terra a ilusória estabilização da imagem narcísica de que necessitamos para nosso funcionamento como seres desejantes (Cf. MIELI, 2002).

Quando o outro se ausenta, a imagem narcísica é, ao mesmo tempo, explodida e recuperada. O outro que foi luz ofuscando o eu, quando vivíamos o tempo do “Um” (GREEN, 1988: 22), hoje é sombra, insistindo em me apagar. O “*implacável exército de sombras*”, nos afirma Green (1988: 24), solapa a onipotência perdida. A ausência do outro/eu, ou seja, do “Um”, ora leva à procura de um objeto que possa, novamente, vir a completar o eu; ora estagna o eu, como a pura ferida aberta que só cessará de arder quando a vida cessar de insistir.

Enfim, o eu conforma-se (toma forma) a partir dos restos do outro. É só depois, no tempo do “*a posteriori*” (*Nachträglichkeit*), no tempo da ausência, no tempo das sombras – sombra do corpo de Narciso, sombra refletida na parede de Caverna, sombra do cuidador – que a presença da imagem do eu se realiza. Quando o outro não está mais lá, uma imagem se faz necessária.

Ilusão? Simulacro? Fascinação? Não. Sou apenas eu. Eu, perdido do outro, torno-me outro, para não perdê-lo e para não me perder de mim mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P-L. (1996). *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BRANDÃO, J. S. (1996). *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes. Vol. II.
- CHAUÍ, M (1989). *O que é ideologia?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- FREUD, S. (1900/1980). *Interpretação dos sonhos*. Obras Completas, ESB, v. IV. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1905/1980). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras Completas, ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1911/2004). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1912-1913/1980). *Totem e Tabu*. Obras Completas, ESB, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/2004). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1915/2004). *Pulsões e destinos da pulsão*. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1917/2006). *Luto e melancolia*. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v. II. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1919/1980). *O estranho*. Obras Completas, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1926/2001). *Inibição, sintoma e angústia*. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1990). *Conferências brasileiras de André Green. Metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

- LACAN, J. (1966/1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. (1988). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- MIELI, P. (2002). *Sobre as manipulações irreversíveis no corpo*. Rio de Janeiro: Contracapa/Corpo Freudiano.
- OVÍDIO, P. (8 d.C./2003). *Metamorfoses*. São Paulo: Madras.
- PLATÃO (360 a.C./2004). *A República*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.
- RIMBAUD, A. (1871/1990). Lettre à Paul Demeny du 15 mai 1871. In: *Oeuvres*. (pp. 314-320). Paris: Pocket.
- RIVERA, T. (1996). *La "perte de réalité" dans le pensée freudienne. Entre névrose, psychose et perversion: L'art?* Tese de Doutorado em Psicologia, Université Catholique de Louvain, Bélgica.
- VERSIANI, e. & CELES, L. (2006). A alteridade na clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 40, (pp.60-70).

NOTAS

- ¹ do latim, *spem sin corpore*, também pode ser traduzido por "ilusão sem corpo".
- ² do latim, *imaginis umbra*, pode ser traduzido por "sombra da imagem".

Recebido em: 10/07/2008

Aceito em: 05/08/2008